

Culturas

Roberto Chiachiri

Doutorando em Comunicação e Semiótica – PUCSP

Faculdade Cásper Líbero – SP

PUCSP

Resumo

Este artigo tenta explicar as divisões de cultura propostas por Lucia Santaella. Tais divisões se configuram em seis tipos: Cultura Oral, Cultura Escrita, Cultura Impressa, Cultura de Massa, Cultura das Mídias e Cultura Digital. Trata-se aqui de uma comparação entre essas culturas deixando bem claro a interdependência de umas sobre as outras. Melhor explicando: uma não anula a outra e sim traz características comuns. São relações sógnicas que tecem a malha de uma comunicação que vem, a cada dia, crescendo e aprimorando seus códigos numa aproximação global no campo das ciências, das artes,... do nosso cotidiano. Um crescer mais rápido do que podemos alcançá-lo, porém tão instigante quanto se pode contemplá-lo.

Palavras chave: culturas, memória, indústria cultural, mídia, ciberespaço.

- **Introdução**

Começamos com as duas concepções básicas de cultura: as Humanistas e as Antropológicas. As primeiras são bastante seletivas separando certos segmentos das atividades humanas em culturais e não culturais: livro é cultural; televisão não é cultural. Já as segundas, as Antropológicas, aplicam o termo cultura à trama total de uma sociedade, “... à herança social inteira e a qualquer coisa que possa ser adicionada a ela” (Santaella, 2002). Porém, como afirma Santaella, a oposição entre essas duas concepções, um problema do início do século passado, não tem mais lugar hoje em dia visto as “... impressionantes transformações por que a cultura vem passando”. No entanto, a divisão proposta por Santaella define em seis as culturas lembrando que não são lineares, são cumulativas e preservam sempre as formas anteriores. E é nesta senda que propomos uma breve discussão sobre esta divisão.

1. A Cultura Oral

...os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma

(Aristóteles, *apud* Auroux, 1998, p. 97).

Antes do surgimento da escrita, os conhecimentos, o saber, eram transmitidos oralmente. A transmissão da cultura se dava do mais velho para o mais jovem. Guardava-se na memória, único recurso de que dispunham para armazenamento, tudo que deveria ser transmitido para as gerações vindouras. Mais “inteligentes” e admirados eram aqueles que conseguiam reter em sua memória o maior número de informações. Os mais velhos tinham um papel de destaque nessas sociedades, pois possuíam um conhecimento acumulado, sendo eles os transmissores desse conhecimento. Nestas sociedades orais os indivíduos tendiam a pensar através de situações concretas relacionadas à sua vida cotidiana. Os recursos mnemônicos eram comumente utilizados, pois para uma sociedade que não dispunha da escrita para registro de seus conhecimentos, segundo Lévy (1993: 83), esta era a melhor estratégia.

As representações que têm mais chances de sobreviver em um ambiente composto quase que unicamente por memórias humanas são aquelas que estão codificadas em narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva e acompanhadas de músicas e rituais diversos.

Tradição e cultura oral fazem parte, geralmente, de uma mesma esfera. O modo de retransmissão do saber é direto e corporal, seja por exemplos, seja oralmente. Aquele que retransmite quase sempre se serve dos gestos e das palavras

E, como nos lembra bem Ong (1998), a história do homem moderno abrange dezenas de milhares de anos e a invenção da escrita alfabética não chega a três mil anos. Por isso podemos pensar que a oralidade foi a principal tecnologia intelectual utilizada no processo da construção do pensamento por quase a totalidade da história humana.

Pode-se também afirmar que a passagem da cultura oral para a escrita é a mesma da poesia à prosa. O ritmo da poesia facilita a retenção da informação, o que é condição *sine qua non* para uma sociedade oral que ainda não dispõem de dispositivos de armazenamento. A poesia é, pois, a grande “diva” da cultura oral do mundo antigo. Os poetas, por sua vez, eram aqueles que codificavam e mantinham a memória coletiva, por isso possuidores de uma posição central e determinante nestas sociedades. Posição esta que, aos poucos, vai perdendo a “força” na medida em que novos dispositivos de armazenamento da informação aparecem.

A grande falha de uma cultura oral é que o que não pode ser memorizado está fadado ao esquecimento. É perdido.

2. A Cultura Escrita

...o Iluminismo, o começo da modernidade. Cultura da mão, onde a imagem e a palavra ainda não se divorciaram.

Certo dia, uma folha de papel que estava em cima de uma mesa, junto com outras folhas exatamente iguais a ela, viu-se coberta de sinais. Uma pena, molhada de tinta preta, havia escrito uma porção de palavras em toda a folha. - Será que você não podia ter me poupado esta humilhação? Disse, furiosa, a folha de papel para a tinta. - Espere! Respondeu a tinta. - Eu cobri você de palavras. Agora você não é mais apenas uma folha de papel, mas sim uma mensagem. **Você é a guardiã do pensamento humano.** Você se transformou num documento precioso. E, realmente, pouco depois, alguém foi arrumar a mesa e apanhou as folhas de papel para jogá-las na lareira. Mas subitamente reparou na folha escrita com tinta e então jogou fora todas as outras, guardando apenas a que continha uma mensagem escrita. (DA VINCI, 1972: 15).

Os hieróglifos egípcios utilizavam sinais pictográficos. Para a palavra “olho”, o hieróglifo utilizado era o desenho de um olho; para “choro”, era um olho com linhas que representavam as lágrimas.

O surgimento da escrita é a tentativa de armazenagem da cultura fora do corpo do ser humano. É o registro do signo que tende a perdurar para além do corpo vivo. (Santaella, 2002: aula PUC-SP- pós-graduação)

Segundo Erick A. Havelock (1996) a introdução paulatina de um sistema de escrita em uma cultura oral permite a criação de novas áreas e disciplinas. Para ele, a expulsão dos poetas da República de Platão é o signo de novas fórmulas do conhecimento sustentadas pelo suporte da escrita. Os poetas que até então armazenavam os conhecimentos em suas obras criando uma tradição alicerçada na repetição, davam a vez agora aos

filósofos que, sustentados pela escrita, fazem com que o conhecimento passe da tradição à especulação, à reflexão crítica, o que provoca um avanço nas habilidades cognitivas. O raciocínio passa ser mais complexo, o pensamento, mais analítico. Um texto agora pode ser lido, relido e corrigido. E, como há recursos de inscrição externa e literal, a memória começa a tornar-se independente do indivíduo e da sociedade. Os riscos de deformações e perdas do saber diminuem consideravelmente, pois podem agora ser guardados e sempre consultados.

Enquanto a fala se esvai muito facilmente, a escrita, sustentada por um suporte físico, permanece por muito mais tempo e pode alcançar lugares antes inatingíveis, além de permitir uma maior fidelidade no registro do pensamento. Na cultura oral, a fala, geralmente, só tem sentido na presença de duas ou mais pessoas; na escrita, o leitor pode ficar “a sós” com o texto, os interlocutores podem estar em lugares diferentes daqueles em que o discurso é ou foi produzido. É, pois, o início da comunicação à distância e “*in absentia*”.

Enquanto que nas sociedades orais, o narrador procurava adequar seu discurso de acordo com seu público (e até hoje as falas políticas/publicitárias não são muito diferentes) e o portador de uma mensagem a transmitia de acordo com o humor do destinatário, uma mensagem escrita requer uma atenção especial por parte de seu(s) receptor(es), pois esta, embora seja mais fiel àquilo que o autor quis transmitir, pode dar margem a várias interpretações. E graças a essas várias interpretações, a produção de texto escrito aumenta, resultado de estudos, de debates e de discussões oriundos de textos originais.

O homem através dos séculos escreveu à mão.

Caius Salluste, protegido de Julio César, era o chefe de redação do *Commentarius rerum novarum* (crônica das novidades), um semanário em que 300 escravos escribas recopiavam 10 000 exemplares por edição. Os « escritos à mão » se espalham na Europa a partir do século XIII : Os *avvisi* na Itália, os *zeytungen* na Alemanha. Essas publicações continham, sobretudo, informações comerciais. A difusão das « notícias da manhã » a partir dos grandes centros de intercâmbio (Veneza, Antuérpia, Frankfurt, Lyon...) tornou-se sistemática e foi favorecida pelo nascimento dos correios modernos e pela melhora na fabricação do papel.(Histoire de la presse et des communications(www.iqubec.com/mediastheatresje))

3. A Cultura Imprensa

Guttemberg. Por volta de 1430, este artesão “inaugura” a cultura de massa. Ele descobre uma maneira de juntar caracteres móveis - "a tipografia" -, para imprimir textos sobre o papel. Nasce a cultura impressa. Uma verdadeira revolução na transmissão de idéias, num modo diferente de aprender, de pensar, de perceber o mundo. Nascimento este que veio pôr fim à exclusividade de uma minoria dominante, o clero e a nobreza, que detinham o poder da escrita e das idéias.

Contudo, esta invenção de Guttemberg, durante muito tempo não foi tida como uma inovação no mundo literário, pois se prestava apenas a reproduzir os manuscritos medievais. Não houve de imediato a produção de textos inéditos. Porém, quando Guttemberg inventou a prensa de tipos móveis, estava inaugurando também a cultura do livro. Mais tarde, o livro deixa de ser um mero suporte para os escritos medievais e esta invenção de Guttemberg firma-se como uma verdadeira revolução. Após a tipografia, a cultura deixa de ser “sagrada” e passa a ser laica. A escolástica começa perder terreno para o saber analítico. E o mais importante é que com essa invenção torna-se possível editar vários exemplares de um mesmo livro a preços acessíveis, fazendo com que a informação torne-se mais popular e mais democrática. Outra grande contribuição da prensa mecânica foi tornar possível a fixação dos idiomas.

Muitas e divergentes foram as opiniões (críticas) recebidas pela invenção da tipografia. Tal invenção causava para uns, medo e, para outros, fascínio. Medo da “máquina” e fascínio pela inovação tecnológica.

Na Europa ocidental começaram a aparecer pequenas e pouco espessas brochuras chamadas de *ocasionais* (não periódicas). Tais brochuras, vendidas nas ruas das cidades e por mascates nos vilarejos, traziam informações dos negócios da Corte, as campanhas militares, os cataclismos, os monstros, os milagres, os diabos, os bruxos... A busca pelo sensacional parece ter tido início aí.

No início do século XVI as pessoas são ávidas de conhecimento e informações. Nesse século começam a aparecer os periódicos, geralmente mensais. No século seguinte, séc. XVII, em 1622, Nathaniel Butler funda em Londres o primeiro hebdomadário, o *Weekly News*. Em 1777 surge o primeiro diário francês, *Le Journal de Paris*. Já em 1785 desponta aquele que tornaria um dos mais famosos jornais do mundo, o *Daily Universal Register* que, em 1788 passa a se chamar *Times*.

As cidades da América do Norte começam a imprimir seus próprios jornais. A declaração da independência dos Estado Unidos da América proclama a altos brados a

liberdade dos homens, o que para a imprensa seria de grande valia. Mesmo assim a imprensa teve de lutar por muito e muito tempo para obter a liberdade de publicar tudo que queria.

É, portanto, no séc. XIX, depois de passado por várias evoluções, que a imprensa rapidamente se fixa com um importante poder em todo o mundo, sempre na luta incessante contra a censura. E ainda é nesse século que os romances novelísticos aparecem nos jornais. Victor Hugo, Alexandre Dumas, Honoré de Balzac, Émile Zola são os maiores representantes desta época nos jornais franceses.

4. A Cultura de Massa

Como já foi dito anteriormente, a Cultura de Massa teve suas sementes lançadas com a invenção de Guttemberg.

Uma sociedade de massa começa a surgir, já no século XVIII e se firma realmente quando, na segunda metade de século XIX, a Revolução Industrial atrai um grande número de pessoas para zonas industriais das cidades. Vindas de diferentes regiões (sobretudo da zona rural) e com hábitos diferentes, essas pessoas começam a se adequar à uma vida mais estandardizada. Deixam um pouco de lado seu comportamento próprio e passam então a assumir comportamentos do interesse coletivo.

Quando falamos em sociedade de massa, forçosamente temos de falar em comunicação. Comunicação de Massa. Com os resultados dos avanços tecnológicos da industrialização, a invenção e o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, tais como fotografia, cinema e a imprensa, depois o rádio e a televisão - o que possibilitou que um maior número de pessoas tivesse acesso mais fácil às informações, mesmo que muitas vezes manipuladas -, uma cultura de massa mostra-se um agente de diluição da linha divisória entre as culturas erudita e popular, (até a primeira metade do século XIX, tínhamos de um lado uma cultura das elites, a erudita; do outro lado, nas camadas menos privilegiadas, a cultura popular) resultando em um *mélange* cultural que, como diz Santaella "... em que o tradicional e o moderno, o artesanal e o industrial se mesclam em tecidos híbridos e voláteis próprios das culturas urbanas" (2002: prelo).

Em verdade, podemos dizer que uma cultura de massa esteve presente em vários momentos da história. Seja por meio da religião, seja por intermédio da escola. Já nos anos 20, algumas características mais marcantes começam a aflorar, mas é nos anos 50 que ela se afirma plenamente: a cultura torna-se lazer, ou seja, uma livre escolha de

atividades no “ tempo livre”, objeto de consumo, um mercado destinado a uma grande maioria graças às novas tecnologias.

Talvez a primeira crítica à cultura de massa data do século XIX, quando, Matthew Arnold, um pensador liberal daquela época propõe uma concepção mais abrangente para a palavra « cultura ». Ele entende cultura como uma disposição do espírito, uma abertura, mais uma *souplesse* mental do que uma bagagem intelectual precisa. Ele recusa ainda toda cultura de classe, sobretudo de uma classe privilegiada, mas esta recusa serve como contestação ao materialismo e ao “maquinismo” que, para ele, são fatores de uma decadência da cultura e de seus altos valores. E ainda afirma que devemos, se quisermos que as classes “menos privilegiadas” sejam efetivamente “cultas”, nivelarmos a cultura por cima e não por baixo: “*La culture ne s'abaisse pas au niveau des classes inférieures. Elle cherche à se débarrasser de l'idée de classe, et à diffuser partout ce qui se passe.*”

A principal crítica da cultura de massa partiu do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Frankfurt, A Escola de Frankfurt, que denunciava a proliferação de produtos culturais (mercadorias) em detrimento da “verdadeira cultura”.

Falemos, então, um pouco da *Teoria Crítica* dos frankfurtianos, sobretudo no que tange o conceito de *Indústria Cultural*, utilizado pela primeira vez por dois filósofos alemães, Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, dois professores judeus, que emigraram (se exilaram) para os Estados Unidos, fugindo do nazismo. Em sua obra datada de 1947, *Dialética do Iluminismo*, definiam como indústria cultural, um tipo de indústria especial que, organizada nos mesmos moldes de uma fábrica de produtos de bens de consumo, não produzia uma mercadoria qualquer, mas sim uma mercadoria possuidora de um grande valor simbólico. “Segundo a lógica da indústria cultural, todo e qualquer produto cultural – um filme, um programa de rádio ou de televisão, um artigo em revista etc. – não passa de uma mercadoria submetida às mesmas leis de produção capitalista que incidem sobre quaisquer outros produtos industrializados...” (Santaella, 2001: 39). E nessa produção de cultura como mercadoria, Adorno e Horkheimer procuraram mostrar que essa indústria realizava uma verdadeira manipulação das consciências. A crítica se dava, de um lado, na Europa, às competentes políticas de comunicação do fascismo, na Itália, e do nazismo, na Alemanha encabeçadas por Mussolini e Goebbels (Ministro da Propaganda no governo nazista de Hitler) respectivamente, que apostando nessa nova forma de comunicação, aperfeiçoaram o rádio e o cinema. Na Alemanha de Hitler, o Partido Nacional Nazista começa indicar os diretores das rádios (que foram criadas na

Europa como sistema controlado pelo Estado) e na Itália, Mussolini cria a Cinecittà, empresa estatal italiana de filmes. Esses dois ditadores descobriram o grande filão de mobilização das massas por meio do cinema e do rádio. O resto da história nós já conhecemos. Adorno e Horkheimer conheceram muito bem a propaganda nazista e os efeitos causados pelo fascismo de Mussolini.

Do outro lado, nos Estados Unidos, a Indústria Cultural não advinha do Estado e sim da indústria e comércio e das empresas. Enquanto que, na Europa, a Indústria Cultural tendia mais aos interesses políticos, nos Estados Unidos, esta estava vinculada aos interesses econômicos.

A civilização contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. [...] Por intermédio de um modo industrial de produção, obtém-se uma cultura de massa feita de uma série de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural: serialização-padronização-divisão do trabalho. Essa situação não é o resultado de uma lei da evolução da tecnologia enquanto tal, mas de sua função na economia atual. (A & M Mattelart, 2002: 77e78).

Na obra *Dialética do Iluminismo*, Adorno e Horkheimer, anunciavam a decadência da Cultura do Ocidente depois do surgimento dos meios de comunicação de massa. “A produção industrial sela a degradação do papel filosófico-existencial da cultura”. (A & M Mattelart, 2002: 78).

Para eles, Adorno e Horkheimer, a massa funciona como o receptor passivo consumindo uma cultura produzida e distribuída pelos interesses de uma indústria nos moldes capitalistas. Já, para um outro frankfurtiano, Walter Benjamin, a arte reprodutiva, ou seja, aquela que advém dos meios de reprodução técnica, poderia atingir uma camada maior de um público para as artes e com isso um poder de desmistificação e de transformação social. Refere-se à desmistificação como a “perda da aura” da obra de arte única, pois tal reprodutibilidade necessita de um original. A “aura” está e permanece no original. A “aura” é única, singular. Benjamin refere-se, por exemplo, ao cinema, como uma arte que não tem sentido na sua produção única na medida em que é produzido para ser reproduzido e destinado a um público numeroso. Não nos esqueçamos, pois, que estamos aqui tratando do cinema como arte e não como instrumento de manipulação como a criação do Cinecittà por Mussolini.

A sociologia americana (EUA) definia a cultura de massa como um conjunto dos mitos, dos comportamentos e de representações produzidos e difundidos por intermédio dos meios industriais. Esta noção se insere em um debate que vai além daquele que

contrapõe a cultura erudita à cultura popular, versa, sobretudo, sobre uma crítica que vê uma tendência à uniformização das sociedades modernas através do seu próprio desenvolvimento.

Para Edgar Morin, a cultura de massa, um produto do século XX, é um conjunto de fatores que responde aos desejos do consumidor. Encontramos esta definição em sua obra *l'Esprit du temps, essai sur la culture de masse* (1962), onde busca em Freud a noção de desejos do inconsciente. Uma cultura de massa inserida como um sub-sistema ao sistema social do capitalismo. Para ele, se a cultura não está totalmente integrada num sistema industrial, "*car il existe des marges et des marginaux*", o "rolo compressor" ideológico e o impacto das mídias dominantes reduzem de maneira considerável os espaços da diferença. Diz ainda que não há numa cultura média (como tal criada), uma ausência total de criação, mas sim uma forma de vulgarização e nivelamento. Deste modo, a democratização do saber oferecida pelo desenvolvimento dos meios de difusão de massa leva, mecanicamente, a uma estandardização da cultura.

5. A Cultura das Mídias

Contrariamente à cultura de massas, que é essencialmente produzida por poucos e consumida por uma massa que não tem poder para interferir nos produtos simbólicos que consome, a cultura das mídias inaugurava uma dinâmica que, tecendo-se e se alastrando nas relações das mídias entre si, começava a possibilitar aos seus consumidores a escolha entre produtos simbólicos alternativos. (Santaella, 2002: prelo)

A cultura das mídias vem, de certo modo, pôr fim à hegemonia da cultura de massas. Aquilo que até então era veiculado e imposto por uma minoria ("fabricantes" e detentores da informação e dos ditames de hábitos e costumes) a uma grande maioria que tudo absorvia passivamente, muda de figura com o "poder" de escolha que os novos meios de comunicação, inovando-se e se renovando, propiciam à população. O controle remoto, o vídeo cassete, o DVD, a tv fechada entre outros são exemplos bem significativos. Podemos assim dizer que a cultura das mídias é "*a cultura de escolhas generalizadas*." (Santaella, 2002: aula PUC-SP-pós-graduação)".

Com o crescente progresso dos meios eletrônicos de comunicação (com essa "revolução eletrônica"), o acesso à informação - embora ainda muito carregada de interesses do capital - torna-se mais seletivo. As opções são muitas. Exemplo disto são as TVs a cabo,

os inúmeros sites na internet (hoje, dentro de certos limites, quase tudo que se deseja pode ser comprado via internet), o controle remoto...

E a uma convergência destes veículos de comunicação, este entrelaçamento entre mídias, pode-se dizer que surge o que chamamos de Novas Tecnologias de Comunicação.

“O Meio é a mensagem” dizia McLuhan, este canadense “filósofo das comunicações” como se auto intitulava. Para ele, o meio (veículo) que transmite uma mensagem é mais importante que o próprio conteúdo da mensagem, sendo este meio um elemento determinante da comunicação. Ao contrário daqueles que definem meio como um veículo incapaz de determinar positivamente os conteúdos, McLuhan chama a atenção para o fato de uma mensagem transmitida via meio eletrônico (em especial o rádio e a TV) adquire diferentes significados, ganham contornos diversos, desencadeiam diferentes mecanismos de compreensão, de acordo com cada caso.

A cultura das mídias, como já citado no início deste trabalho quando, repetindo Santaella, dissemos que as culturas aqui apresentadas são “cumulativas e preservam sempre as formas anteriores”, não vem pôr fim à cultura de massa, vem sim ampliar as opções de escolha e facilitar a divulgação das diversas mensagens em seus diferentes conteúdos. Hoje, podemos assistir, por meio de um DVD, a um espetáculo de Ópera, por exemplo, visto anteriormente em um teatro ou não. Este exemplo nos ajuda a melhor compreender McLuhan; a percepção da mensagem nos diferentes meios e diferentes contextos criam em nós reações diferentes. E, lembrando Benjamin, para melhor compreendê-lo também, utilizando o mesmo exemplo, a “aura” está na Ópera “ao vivo”; ao DVD, cabe o papel de veículo da reprodução do espetáculo.

Acreditamos que esta cultura das mídias seja o ponto de encontro e de partida para o entrelaçamento das culturas aqui já comentadas. Quando então, tratamos da internet que integra simultaneamente vários meios de comunicação atingindo o mundo instantaneamente, talvez possamos lembrar de McLuhan no seu conceito de “aldeia global” que transforma “o mundo num grande vilarejo”.

6. A Cultura Digital

Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos. Guimarães Rosa

Na rede digital vivemos conectados. Imersos em diversos níveis. Desde que ligamos o microcomputador, quando estamos diante de um caixa eletrônico de um banco, quando navegamos na internet, quando saímos à rua.

Mas acredito que a palavra chave para uma cultura digital é *Interatividade*. Interatividade esta do homem com a “máquina” e suas tecnologias avançadas. Não há interatividade, no sentido aqui proposto, se o homem não souber manusear as “máquinas”. Mas me parece que não corremos mais este risco, pois aqueles que poderiam ser mais resistentes a estas mudanças tecnológicas (talvez as pessoas mais idosas, analfabetas etc.) hoje são obrigados a conviverem com elas - o recebimento de uma pensão ou aposentadoria passa necessariamente por um meio digital -, por exemplo. Os de meia idade, estes são realmente obrigados a se integrarem neste mundo digital senão estão dele excluídos. A novíssima geração, não tem escapatória, já nasceu “digitalizada”. Isto é a cultura digital. Acredito que esta cultura, ao contrário de muitas outras que geraram críticas, medos, resistências quando de seus surgimentos, tenha causado mais encantamento do que controvérsias. Talvez por isso, se não todas, mas a grande maioria das manifestações, sejam elas artísticas, culturais, tecnológicas,... passa hoje pelo mundo digital.

E falar em mundo digital, é também de falar de ciberespaço. Mas então o que é ciberespaço? Segundo Iolanda B. C. Cortelazzo, ciberespaço é “... aquele espaço atemporal que nos proporcionam as redes eletrônicas e digitais, onde idéias, saberes, sentimentos, personalidades se cruzam e compõem um todo reticulado ao alcance planetário.” E é graças a uma “revolução” nos meios digitais, que este alcance planetário se dá. À união do ciberespaço com o computador denomina-se Cibercultura. Pois bem, cibercultura é uma cultura que se dá no ciberespaço integrado pelas diversas mídias interativas.

Os filmes de ficção que outrora pudessem nos causar pânico, hoje os recebemos com muita tranquilidade, pois acredito que estamos mais abertos e mais participantes dessa

evolução cotidiana. O que nos parecia impossível, hoje nos parece factível. Poderíamos antes pensar em interagir com a televisão, por exemplo? Hoje, já podemos aqui no Brasil atuar desta maneira via tecnologia digital, cuja interação com o telespectador se dá via controle remoto.

Talvez tenha sido esta mensagem que a TV Globo quis deixar no ar, já em 2002, quando do último capítulo da novela Esperança. A última cena desta novela, que procurou traçar um histórico do Brasil desde a Revolução Industrial até os dias de hoje, se deu ocupando toda a extensão da tela da TV através de um olhar de uma câmera digital (a tela da câmera digital sobrepunha a da TV). E o mais interessante é que não vimos o tradicional Fim.

Conclusão

A interação, arte, mídia, cultura passa necessariamente pelos entrelaçamentos dos signos. Signos que crescem, que significam e que ganham novos significados a cada instante. Nesta nossa trajetória vimos a necessidade de, cada vez mais, buscarmos “espaços” (suportes) fora de nosso corpo biológico para o armazenamento de novas e novas informações. E essa procura de espaços para armazenamento de novos signos, acredito, nunca findará... E é nessa busca que afloram o desenvolvimento tecnológico dos meios, a criatividade das artes e o enriquecimento das culturas.

Referências

Bibliografia

- AUROUX, Silvain. **A filosofia da linguagem**. Campinas, SP : Unicamp, 1998
- BELTRÃO, Luiz. **Sociedade de massa: Comunicação e Literatura**. S.P, Vozes, 1972
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. 5ª Ed. SP, Brasiliense, 1993.
- DA VINCI, Leonardo. **Fábulas e Lendas, São Paulo**: Círculo do Livro S.A , 1972, p.15
- DA COSTA, Rogério. **A Cultura Digital**. Publifolha, SP, 2002
- HAVELOCK, Erick A. *La musa aprende a escribir: reflexiones sobre oralidad y escritura desde la Antigüedad hasta el presente*, Prólogo de Antonio Alegre Gorri. Barcelona, Piados, 1966.
- LEMONNIER. *Extrait du chapitre introductif des transformations culturelles dans l'Angleterre des années 60*
- MATTELART, A & M. **História das Teorias da Comunicação**, Edições Loyola, SP, 2002.
- MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem**. Cultrix, SP, 1979
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 1998
- SANTAELLA, Lucia. **Cultura das Mídias**. Experimento, SP, 1996.
- _____ **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. – São Paulo: Hacker Editores, 2001A
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa, Editorial Presença, 1995

Sítios

- www.10emtudo.com.br Linguagem em (dis)curso on line Adriano Duarte Rodrigues
- www.laboursedulivre.com/La_bourse_histoire_livre.html
- www.textesrares.com
- www.iquebec.com/mediastheatresje